

## A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: a prática do professor em foco

Rita dos Impossíveis Dutra de Paiva<sup>1</sup>  
Silvânia Lúcia de Araújo Silva<sup>2</sup>

### RESUMO:

A aprendizagem não é resultado única e exclusivamente da necessidade e/ou de interesses internos ao indivíduo; é, antes de tudo, um processo no qual ele vai desenvolvendo e modificando sua personalidade, nas esferas física e mental, por influências externas à experiência humana, produzida ao longo da história. Nesse caso, ao professor, é incumbido o papel de sistematizar os conhecimentos prévios trazidos pelos alunos a partir de seu contexto social, proporcionando atividades dirigidas e orientadas, a fim de garantir um novo significado à sua existência, seja grupal e individual. Pelo exposto, tornou-se salutar a construção desse texto, uma vez que consideramos ser relevante a didática, enquanto instrumento, para o processo de ensino e aprendizagem. Isto porque a prática pedagógica efetivamente produz frutos quando o ensino é encarado como uma ação sistemática, que tem um foco traçado, métodos escolhidos e recursos adequados a serem utilizados. Sendo assim, nosso trabalho visa trazer uma análise sobre a didática utilizada por um professor da rede municipal de ensino, de uma turma do quinto ano do Ensino Fundamental, cujas discussões foram pautadas na literatura pesquisada. Para tal, consideramos o estudo de vários autores, dentre os quais: Libâneo (2006), Alves (1993), Candau (2003). Sobre os dados coletados na pesquisa, que descende das Práticas Pedagógicas Programadas, pertinentes à grade curricular do quarto período do curso de Pedagogia – CAP/UERN, simultaneamente, averiguamos os dilemas que permeiam o processo de ensino e aprendizagem na atuação do professor participante da pesquisa, que se coloca como sujeito ativo deste estudo, em especial, sua didática. Na perspectiva de uma discussão mais consistente, esse texto finaliza com reflexões sobre o profissional que a sociedade contemporânea exige e sobre o papel do profissional pedagogo na atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Didática. Ensino e Aprendizagem. Professor. Prática Pedagógica.

### ALGUMAS PALAVRAS INTRODUTÓRIAS SOBRE O ESTUDO

É fato que uma das funções do professor é a organização e o planejamento do ensino, recorrendo constantemente à escolha de uma didática apropriada e eficiente, adequada à realidade da turma e aos conteúdos escolares, respaldando-se, simultaneamente, nas finalidades que pretende alcançar no alunado. Quando o profissional de educação reconhece a importância da didática, está admitindo que teoria e prática são indissociáveis no processo de ensino e aprendizagem, já que, como ramo específico da pedagogia, investiga os fundamentos, as condições e os processos próprios para a construção do conhecimento.

Esse texto é oriundo das Práticas Profissionais dos Pedagogos e surge da necessidade de refletir sobre a didática de uma professora, cuja significação se torna preponderante uma vez

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande – UERN, Campus Avançado de Patu/RN. E-mail: ritadutrap@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora Mestre do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande – UERN, Campus Avançado de Patu/RN. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: silvaniaaraujo@uern.br.

que observamos no processo de ensino e aprendizagem e na própria mediação das aulas de uma Escola Municipal, de Educação Infantil e Ensino Fundamental, a possibilidade de discutir o que foi vivenciado no período de desenvolvimento das Práticas Pedagógicas Programadas, atividade prática do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Pelo exposto, tornou-se fundamental essa pesquisa, pois, no percurso acadêmico é mister que o licenciando, desde o início de sua formação, tenha a oportunidade de interligar os saberes de sua formação com o saber-fazer do cotidiano escolar. É esse olhar observador desenvolvido nas escolas, nas coletas de dados, nos relatórios, que nos possibilitará analisar esses espaços não mais sob o olhar de aluno, mas de futuro professor; um olhar que contribuirá para a construção da identidade do pedagogo.

O texto ora apresentado é de cunho científico, embasado nos dados auferidos na observação da sala do quinto ano do ensino fundamental, na prática de ensino da professora participante da pesquisa e, em entrevistas a esta, à coordenadora pedagógica e à diretora da escola municipal. Em concomitância, recorreu-se à pesquisa bibliográfica, centrada em teóricos e *sites* que abordam o tema delimitado. Nesse sentido, esse trabalho visa refletir e abordar os dilemas que norteiam as questões didáticas, respaldando-se em estudos alcançados sobre a problemática detectada para, assim, diagnosticar os diversos problemas que permeiam o processo de ensino e aprendizagem e, igualmente, aferir possíveis soluções.

Assim, para facilitar o entendimento desse artigo, tornou-se essencial elencá-lo com base nas discussões: o papel do profissional pedagogo no ensino, que traz a discussão da literatura sobre a temática proposta; os dados auferidos na pesquisa, que se organiza na seguinte ordem: a) as características da aula da professora; b) os recursos utilizados; c) o planejamento. É importante a discussão das reais dificuldades e possíveis falhas encontradas no dia a dia educacional e na prática de ensino do profissional de educação, a qual não pode acontecer de maneira descompromissada, sem planejamentos, estratégias didáticas adequadas e objetivos almejados. De fato, é preciso que sempre haja uma reflexão sobre as práticas de ensino, a fim de que uma nova teoria possa ser concebida e a própria educação se construa num processo dinâmico.

Assim, nosso trabalho defende ser primordial conhecer as estratégias didáticas apropriadas para as condições reais da sala de aula e para os conteúdos escolares a serem ministrados. Esse fator é fundamental, visto que facilitará o itinerário a ser percorrido por métodos viáveis de acordo com os fins delineados e com a realidade em que o educando está inserido.

## O PAPEL DO PROFISSIONAL PEDAGOGO NO ENSINO

A escola exerce um papel que nenhuma outra instância cumpre. Além de um conhecimento organizado, ela possibilita uma educação intencional. Nesse sentido, ela deve estar conectada com as novas transformações da sociedade para propiciar em todos os aspectos, a formação integral do indivíduo.

Sendo assim, é primordial possibilitar ao educando uma formação humanizadora em consonância com as novas concepções de cidadania; ao mesmo tempo, fertilizar nesse aluno a capacidade de reflexão e de criticidade com o conhecimento histórico-cultural para contribuir na construção de um pensamento autônomo e independente. Esse pensamento sobre educação é bem abrangente e, por isso, é compatível com a concepção de Libâneo (2006, p.64) ao explicitar que a:

Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas, ações, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando à formação do ser humano. (...) é uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal.

De fato, se a educação é concebida de maneira abrangente, como formação integral do indivíduo, então, o aluno é considerado o principal foco e, por sua vez, o educador tem um papel bem mais relevante na sociedade contemporânea. Diante dessa nova realidade social, qual o papel do profissional pedagogo no ensino?

Primeiro, ele deve assumir a postura de mediador do ensino. Isso implica que desempenhe a relação ativa dos alunos com a matéria, devendo, assim, considerar os conhecimentos prévios que eles trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades de interesse e suas formas de pensar. Com base nisso, o professor deve ajudar no desenvolvimento de competências do pensamento do alunado, incutindo problemas, perguntas, escutando os alunos, ensinando a argumentar, dando a oportunidade de expressarem seus sentimentos e desejos para ficar informado sobre sua realidade vivida. Conhecer a vida extraescolar do aluno é fundamental para o planejamento e para a utilização dos recursos didáticos adequados. Nesse mesmo entendimento, Libâneo (1992, p.222) destaca “que o planejamento é um processo de racionalização, organização, e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.

Neste sentido, é dever do professor prever condições concretas e as estratégias didáticas para orientar o discente, intencionalmente, para fins educativos. Para isso, é imprescindível a reflexão na ação. Sobre esse prisma, Gomes (1997, p.104) explicita:

[...] a reflexão-na-ação é um processo de extraordinária riqueza na formação do profissional prático. Pode considerar-se o primeiro espaço de confrontação empírica com a realidade problemática, a partir de um conjunto de esquemas teóricos e de convicções implícitas do profissional. Quando o profissional se revela flexível e aberto ao cenário complexo de interações da prática, a reflexão-na-ação é o melhor instrumento de aprendizagem. No contacto com a situação prática, não só se adquirem novas teorias, esquemas e conceitos, como se aprende o próprio processo dialéctico da aprendizagem.

No passado, a atuação do docente se restringia a mera transmissão de informações, contudo, na atualidade, em pleno avanço social, esse profissional precisa refletir não somente na ação, mas também sobre a ação, para diagnosticar os dilemas da prática educativa, determinar as metas e entrar com os meios viáveis; é justamente nesse aspecto que entra a didática que, como ciência da educação, subsidia nas escolhas dos recursos adequados. A tarefa de ensinar a pensar e a aprender a aprender exige do educador o conhecimento de estratégias de ensino e o desenvolvimento de suas próprias competências de pensar, porquanto, se este é incapaz de refletir e planejar sua ação, será impossível aguçar nos alunos a necessidade de aprender.

Além disso, o educador deve propiciar ao alunado uma educação humanizadora. Desse modo, é fundamental que reflita no “ser” como sujeito do próprio conhecimento, nos seus sentimentos e nas relações interpessoais, nos seus contextos sociais e econômicos. Mais do que instigar o crescimento cognitivo, a educação deve auxiliar o aluno a interagir com o

contexto social, para pensá-lo e atuar de maneira crítica e autônoma; reconhecendo seus direitos e deveres enquanto ser social.

Para a apropriação crítica da realidade, portanto, os conteúdos que o professor administra devem enfatizar valores sobre a prática social e, nesse mesmo veio, contextualizar, de modo que estimule a indagar, a argumentar, decidir e a agir na comunidade. Além disso, a nova sociedade exige do profissional da educação que trabalhe de forma interdisciplinar. A esse respeito, vale salientar que, até hoje, vigora na escola uma prática pluridisciplinar, cujo conceito trazido por Alves (1993) ressalta que esta segue as disciplinas do currículo, as quais são impostas isoladamente sem integração entre as diversas áreas do conhecimento. Geralmente, segue um cronograma de horários rígidos, sem considerar as defasagens de aprendizado dos alunos. Simultaneamente, eles aprendem diretamente do professor e do livro didático, em detrimento de uma educação voltada para o que acontece na realidade de cada cidadão.

Já em uma aula interdisciplinar, há uma integração entre duas ou mais áreas do conhecimento que se complementam para explorar os conflitos que ocorrem na vivência social. A ideia de interdisciplinaridade não é unicamente introduzir o conhecimento científico na educação e, sim, entender o que se passa fora da escola, com o intuito de transformar a história da sociedade. É importante frisar que a ação interdisciplinar requer uma inovação no pensamento e, conseqüentemente, na atividade docente, para que os educandos consigam a maturidade intelectual de sempre fazer a integração das disciplinas ao seu contexto histórico.

Fundamentados nas atitudes dos docentes na sala de aula frente às transformações sociais, fomos ao campo de pesquisa na Escola Municipal, na sala de aula do quinto ano de ensino fundamental para estudarmos e identificarmos a principal deficiência pedagógica nesta turma. Para tanto, investigamos e formulamos hipóteses sobre as causas dos problemas de aprendizagem e chegamos à conclusão que estes se concentravam na didática da professora.

## **CARACTERÍSTICAS DA AULA DA PROFESSORA: ALGUMAS DISCUSSÕES**

A turma estudada do quinto ano do ensino fundamental tem 25 (vinte e cinco) alunos matriculados, no entanto, frequentam abaixo cerca de vinte. Em todos os dias de observação, a professora ministrou as aulas da mesma forma e com os mesmos procedimentos: desenvolvimento de leitura e interpretação de texto, devido à dificuldade de leitura e escrita da turma.

Seu método de leitura se restringia na seguinte prática: dava-se um tempo às crianças para fazerem a leitura em silêncio, logo em seguida, cada uma delas lia parte do texto, mas apenas para a professora ouvir, porque, de nossa parte, não se ouvia, simplesmente nada. Enquanto uma lia, as demais ficavam ociosas. Somente durante dois dias, no segundo horário, a professora trabalhou matemática, contudo, foi transmitida de maneira mecânica também, isto é, mais informação depositada no aluno do que construção do conhecimento. Além disso, em alguns momentos, sentimos falta da relação professor-aluno; talvez tenham ficado inibidos por causa de nossa presença.

Em nenhuma ocasião, vimos a docente contextualizando as leituras à vida real do alunado. Detectamos momentos que dariam para interagir o texto trabalhado com a realidade social, como este que foi utilizado: “Os inimigos do mar”, que enfocava a preservação do meio ambiente. Esse tema, certamente, daria uma rica exploração.

Quando um professor deixa de perceber uma oportunidade como essa, surge então uma pergunta: será que houve reflexão sobre essa ação educativa? Frente a isso, verifica-se uma pobreza na execução de sua aula, caracterizada pela falta de dinamismo e criatividade. O que acontece é que falta, muitas vezes, ao profissional recorrer à teoria para refinar a prática

educativa, porquanto, a formação pedagógica é para ajudá-lo também, através dos conhecimentos teórico-científicos. É justamente nessa questão que entra a didática, visto que, sua função é como uma ponte que interliga a prática à teoria. Sobre isso, Libâneo (1992, p.28) explicita:

[...] a didática se caracteriza como mediação entre as bases teórico-científicas da educação escolar e a prática docente. Ela opera como que uma ponte entre o ‘o que’ e o ‘como’ do processo pedagógico escolar. A teoria pedagógica orienta a ação educativa escolar mediante objetivos, conteúdos e tarefas de formação cultural e científica, tendo em vista exigências sociais concretas; por sua vez, a ação educativa somente pode realizar-se pela atividade prática do professor, de modo que as situações didáticas concretas requerem o ‘como’ da intervenção pedagógica.

Em consonância a isso, sua aula entra na perspectiva da didática instrumental, já que é caracterizada como descontextualizada, fora da realidade e da prática social do discente. Ao mesmo tempo, perde consistência devido a ausência de problematização, já que é imprescindível para o desenvolvimento do raciocínio crítico. Além disso, está baseada na seleção de conteúdos pré-determinados e na transmissão de informação, dado que tinha como meta, o desenvolvimento mecânico da leitura e da escrita. Isso foi comprovado pela professora na própria entrevista, uma vez que, com a didática utilizada procura, tão somente, despertar a compreensão do conteúdo, a necessidade da aprendizagem e a importância do conteúdo.

Apesar de não termos encontrado uma atividade voltada ao desenvolvimento da plena cidadania do discente, esperava-se uma resposta mais contundente da metodológica utilizada. Com efeito, de acordo com as características analisadas, é pertinente afirmar que a sua aula foi permeada pela didática instrumental. Sobre esse prisma Candau (2003, p.159) afirma:

A didática, numa perspectiva instrumental, é concebida como um conjunto de conhecimentos técnicos sobre o ‘como fazer’ pedagógico, conhecimentos estes apresentados de forma universal e, conseqüentemente, desvinculados dos problemas relativos ao sentido e aos fins da educação, dos conteúdos específicos, assim como do contexto sociocultural concreto em que foram gerados.

Talvez seja justamente essa didática, a principal causa do desinteresse dos alunos. Ora, até para nós que estávamos observando foi chato e cansativo, imagine às crianças. Quem sabe, a dificuldade de leitura e escrita, não seja ocasionada pela didática utilizada na aula? Talvez, essa didática seja impotente, ultrapassada, arcaica e anacrônica e não consiga “prender” mais o interesse da criança. Ora, a própria criança está sempre cercada pelas inovações da sociedade moderna. Não seria o caso de mudar a didática?

De acordo com a nova realidade social, a professora deveria buscar atuar de forma interdisciplinar, interagindo com os temas sociais, a fim de incutir no educando a compreensão dos conflitos existentes na sociedade, de sorte que retorne com este conhecimento e construa uma nova história. Concomitantemente, é preciso que seja uma didática que ajude as crianças a exercitar seu papel de sujeito pensante, ouvindo-as sobre seus desejos e anseios; levantando problemas para que agucem seu poder de argumentação e aprendam a formular conceitos críticos e, por fim, deixe-as conectadas com a realidade do mundo atual. Nesse sentido, o professor de hoje carece ter ciência que o aluno é um “solo fértil”, onde se planta as melhores sementes para que se proliferem muitos frutos.

Numa aula caracterizada pelo construtivismo, respaldando-se no método de Saviani (MATUI, 1996, pp. 199-204), o professor começaria sua aula conhecendo os conceitos que as crianças têm sobre determinado assunto, no caso, o que entendem sobre um determinado texto. Logo após, problematizaria questões sobre o texto para que todo o grupo interaja e formule hipóteses. O próximo passo seria instrumentalizar, interagir de modo prático, através de jogos e dinâmicas para elucidar as hipóteses não esclarecidas pelo grupo. O objetivo primordial é a aquisição da capacidade de posicionamento crítico sobre o conhecimento, ou seja, o aluno conseguiria formular um novo conceito, desta vez, mais aprimorado para que então, retornasse com um saber lapidado e assim, utilizasse-o na prática social.

Segundo Matui (1996), Saviani formulou um método didático com a evidente intenção de superar o método tradicional, tendo como ponto de partida, formar cidadãos racionais para que ajam no meio social, cientes de seus direitos e deveres.

O professor tem a seu dispor suporte teórico que não pode se limitar à contemplação, todavia, deve ser um guia de atuação na prática educativa, portanto, teoria e prática se completam ao mesmo tempo, numa relação recíproca. É imprescindível para o professor compreender essa relação, porquanto funciona como processo por meio do qual se constroi o conhecimento. Nesse sentido, a didática está intimamente ligada à teoria da educação, sendo que sua finalidade é contribuir para a superação do instrumentalismo, proporcionando ao profissional da educação as estratégias pertinentes para por em prática a teoria. Assim, quando acontece a dissociação, a prática educativa tende a reduzir-se ao mecanicismo.

## **REFLEXÕES DIDÁTICAS: OS RECURSOS UTILIZADOS PELA PROFESSORA**

Na mediação da aula, a professora deu mais ênfase ao livro didático de português para trabalhar a leitura e escrita, destacando que a turma tinha grande deficiência nessa área e, ao mesmo tempo, usou a lousa e recorreu ao caderno de plano nas aulas de matemática. O problema averiguado não está nesses recursos em si, mas na sua utilização repetitiva e monótona, já que percebemos que a atenção das crianças não era mais captada por esses recursos que, por sua vez, não surtiavam mais efeito.

Ora, mesmo as estratégias que dão excelentes resultados, ao se tornarem repetitivas, não produzirão os resultados de outrora, que dirá uma aula repetitiva e enfadonha. O livro didático, por exemplo, foi muito utilizado, mas não é obrigado sempre trazer um texto deste, até porque, para utilizá-lo é preciso averiguar a necessidade dos assuntos em pauta na prática social, contudo, sabemos que nem todos abordam esses temas de modo abrangente, ainda mais sendo de anos passados, como o usado pela professora, que era de 2005. Libâneo (1992, pp.139-140) destaca algumas recomendações para o professor, com relação ao livro didático:

Ora, os livros didáticos se prestam a sistematizar e difundir conhecimentos mas servem, também, para encobrir ou escamotear aspectos da realidade, conforme modelos de descrição e explicação da realidade consoantes com os interesses econômicos e sociais dominantes na sociedade. Se o professor for um bom observador, se for capaz de desconfiar das aparências para ver os fatos, os acontecimentos, as informações sob vários ângulos verificará que muitos dos conteúdos de um livro didático não conferem com a realidade, com a vida real, a sua e a dos alunos.

Em nosso entendimento, o livro didático pode sim ser utilizado como um dos recursos para a aprendizagem, mas perde consistência quando é constituído como a única fonte de informação ou colocado como prática para todos os conteúdos temáticos. Cabe destacar,

ainda, que o professor não pode esperar que os livros didáticos mostrem os aspectos reais dos fatos do dia a dia, já que não trazem o retrato da vida real, restando-lhe fazer essa conexão com afínco, sendo que a história está sempre em construção.

Preocupados com a improdutividade e com a escassez dos recursos didáticos, na entrevista, indagamos à professora se existia uma didática ideal para operacionalizar os conteúdos, explicitando, em seguida, que as estratégias didáticas dependiam de vários fatores: das disciplinas, da necessidade, do ambiente, dos alunos, da realidade da turma, da escola e do material oferecido por esta; sendo evidenciado, ainda, que a escola não disponibiliza de material para que inovações sejam introduzidas nas aulas. Já nas palavras da diretora, a escola disponibiliza todo tipo de material didático para os professores, desde a cola, até coleções de livros.

Infelizmente, foi perceptível uma contradição entre as respostas da professora e da coordenadora, o que nos leva a deduzir que não há uma unidade do trabalho pedagógico, já que a falta de diálogo entre a equipe vem a ser, supostamente, um dos fatores que influenciam nos problemas de aprendizagem.

Com base nisso, faz sentido um trabalho coletivo, que exercita o diálogo, a reflexão e a interação entre todos que compõem a equipe pedagógica para a solução dos problemas de ensino e aprendizagem dos discentes. Concomitantemente, requer-se do docente, em pleno avanço tecnológico e social, que trabalhe respaldando no conhecimento da turma, utilizando-se de meios apropriados à sua realidade, como: textos de artigos de revistas, jornais, letras de músicas, jogos interativos, dinâmicas, etc., além dos recursos tecnológicos. Todas as estratégias utilizadas pelo professor para facilitar o processo de aprendizagem resultarão em aulas dinâmicas e significativas, ao contrário de uma aula sem interatividade e diálogo, com ensino superficial, em que o professor cita a página do livro para que os alunos façam a leitura do texto.

Nesse contexto, torna-se imprescindível inovar constantemente os recursos que subsidiam suas aulas, acentuando a maior participação de toda a turma, como também, maior interesse e aprendizado dos conteúdos. Desse modo, o professor pode ministrar os assuntos, utilizando-se de estratégias que propiciem a discussão dos temas de forma descontraída e coletiva, incentivando a interação entre o aluno e a temática abordada. Isso pode ocorrer através de projetos elaborados pelo professor com objetivos bem definidos, em que se faça uso de diversos recursos no desenrolar das próprias atividades. Nessa ótica, é importante frisar que os meios didáticos precisam aguçar a participação de todos os membros da sala no tema explorado.

## **O PLANEJAMENTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES**

Diante do que foi observado na aula, buscamos nos informar se a professora faz planos de aula e quais são os aspectos que constituíam seu plano. Consoante a sua fala, uma aula para ser bem desenvolvida e proveitosa deve ser planejada com antecedência. No entanto, não foi isso o que vimos, uma vez que, na verdade, seu plano não abarca o plano de aula básico, com os devidos aspectos: objetivos gerais e específicos, conteúdos, procedimentos, recursos e avaliação.

Diante disso, deduzimos que não acontece de fato uma reflexão, o que foi averiguado na própria dinâmica da aula, isto porque o plano não continha os textos que trabalhou em dois dias de aula observados; além disso, os conteúdos esboçados não levavam em consideração as peculiaridades dos alunos, nem tampouco os conhecimentos que possuíam. Ora, conforme a didática, é imprescindível uma análise sobre o saber que a turma possui para, assim, traçar objetivos, partindo do conhecimento já existente.

Nessa perspectiva, Haidt (1994, p.94) explicita a importância de se planejar, por isso, declara: “Planejar é analisar uma dada realidade, refletindo sobre as condições existentes, e prever as formas alternativas de ação para superar as dificuldades ou alcançar os objetivos desejados. Portanto, o planejamento é um processo mental que envolve análise, reflexão e previsão”.

De fato, a prática educativa requer uma direção de sentido que deve ser planejada por meio de um processo reflexivo sobre as finalidades e meios de sua realização. Sobre isso, é pertinente esclarecer que:

O caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana, através de objetivos e meios estabelecidos por critérios socialmente determinados e que indicam o tipo de homem a formar, para qual sociedade, com que propósitos (LIBÂNEO, 1992, pp.24-25).

Ocorreu, com efeito, uma deficiência significativa com relação ao plano de aula, pois, foi perceptível uma aula executada de modo mecânico, predominando a mera transmissão de informação descontextualizada. Simultaneamente, faltou a reflexão na/sobre a ação e a flexibilidade para dinamizá-la e despertar o interesse dos discentes, visto que a falta de interesse foi o que mais chamou a atenção em nossa observação.

Ainda importa salientar que a deficiência no planejamento é notada, de antemão, pelo próprio aluno, que percebe que algo ficou a desejar. Evidentemente, esse é um dos fatores que culminam na indisciplina e na falta de interesse do alunado. Já uma aula planejada e fundamentada no cotidiano do aluno desperta o seu interesse.

Para chegarmos a conclusões mais precisas sobre as dificuldades encontradas na sala de aula, entrevistamos também a coordenadora pedagógica e a diretora. A coordenadora esclareceu que incentiva os professores na realização dos planos, orientando-os no ensino mediante as dificuldades encontradas em sala de aula, baseando-se na própria realidade da escola; além do mais, acompanha o trabalho pedagógico semanalmente, apontando os conteúdos adequados a cada nível escolar.

Há que se ressaltar que nos encontros sistematizados da instituição, realizam o planejamento de unidade, bimestralmente, de maneira democrática, ouvindo sugestões para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem do alunado. Já no discurso da diretora, o planejamento é importante, porque, além de organizar e coordenar ações envolve uma interação do professor-aluno com as relações socioeconômicas, políticas e culturais. Igualmente, apoia os professores na realização dos planos, visto que acredita que um trabalho bem organizado obterá bom êxito e, encontros pedagógicos, proporciona aportes teórico-práticos para o enriquecimento do trabalho pedagógico.

Diante de tudo o que foi apresentado, averiguamos mais uma incompatibilidade no saber-fazer da professora com relação ao mencionado anteriormente pela equipe pedagógica, existindo mais discursos e menos iniciativa. De fato, houve certa discrepância entre os discursos e a realidade da prática educativa da professora, por dois motivos: por um lado, o plano precisa ser esboçado com todos os aspectos imbuídos para sua operacionalização, pois é um roteiro do processo mental de decisões a serem tomadas; contudo, estes aspectos não foram encontrados no esboço xerocado da professora; somente havia o conteúdo diário estruturado, sem os objetivos delimitados a serem atingidos. Por outro lado, seu plano era vazio e sem sentido, porquanto, aferimos uma deficiência de coerência, continuidade, flexibilidade, objetividade e



funcionalidade, precisão e clareza. Assim, deduz-se que realiza somente como uma formalidade e uma mera atividade ritual.

Em face do explorado e, partindo-se do pressuposto que a educação escolar se caracteriza como planejada, estruturada e intencionada, é fundamental o apoio de uma didática adequada à vida real do discente, conhecer as estratégias didáticas para cada área do conhecimento a fim de atingir os resultados previstos. Além disso, um ensino que passe pelo crivo mental que, por sua vez, seja organizando e coordenando, de modo que o processo de ensino-aprendizagem alavanque com êxito e eficiência, tende a colher bons frutos. Nesse sentido, vale assinalar que a didática assegura o fazer pedagógico na escola, na sua dimensão político-social e técnica.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Com base na pesquisa desenvolvida, ficou evidente que a professora não está utilizando uma didática apropriada, visto que foi possível detectar falta de criatividade nos recursos empregados, ao mesmo tempo, não percebemos ação reflexiva no processo de ensino e aprendizagem; ora, é esta indispensável para estimular no aluno a necessidade de aprender. Por isso, as principais recomendações para o exercício da professora é de um planejamento mais aprofundado, apoiado no contexto de cada aluno; inovação dos recursos didáticos, dinamicidade, interdisciplinaridade e criatividade nas suas aulas; já que percebemos que suas aulas são monótonas, desinteressantes e cansativas àquelas crianças.

Na sociedade moderna, é inadmissível que ainda existam profissionais estagnados quanto ao fazer pedagógico, pois, as demandas globais exigem a formação de um indivíduo com mentalidade que acompanhe as mudanças ocorridas em um mundo sempre em transformação e que esteja inteirado de seus ideais no meio em que vive. Assim, o professor não pode voltar os olhares em uma perspectiva apenas burocrática do ensino, e sim uni-la a um conceito humanista, que respeite as vivências de cada indivíduo, segundo suas peculiaridades.

Nesse sentido, esse estudo foi de fundamental importância para a nossa formação, porquanto deixou-nos inteirados sobre os problemas que ocorrem na prática educativa, a fim de que não cometamos os mesmos equívocos quando estivermos exercendo a docência. Podemos afirmar, ainda, que ao inquirir sobre a problemática didática, ficamos cientes que, como ciência da educação, subsidia na escolha de metas e meios adequados na mediação do processo de ensino e aprendizagem e, por sua vez, se já havia consciência da necessidade do planejamento, ficou contundente, que este deve preceder a aula para analisar as necessidades e os recursos adequados à aprendizagem, com base no contexto histórico-cultural do alunado.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Profissão professor ou adeus professor, adeus professora? Exigências educacionais contemporâneas e novas atitudes docentes. In: **Formação de professores: pensar e fazer**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1995 (Questões de nossa época).

CANDAU, Vera Maria (org). **Rumo a uma Nova Didática**. 15 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GOMES, Angel Pérez. O pensamento prático do professor: a formação do professor como professor reflexivo. In: Nóvoa, António. **Os professores e a sua formação**. Portugal: Porto, 1997.

HAIDT, Regina Célia Cazaux. O planejamento da ação didática. In: **Curso de didática geral**. São Paulo: Ática, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Pedagogia e Pedagogos: Caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção magistério/2º grau. Série formação do professor).

MATUI, Jiron. A aula construtivista. In: **Construtivismo**. São Paulo: Moderna. 1996.

MASETTO, Marcos. Um plano e seus componentes. In: **Didática: A aula como centro**. 4 ed. São Paulo: FTD, 1997. (Coleção aprender e ensinar).

RODRIGUES, Elaine B; ALMEIDA, Ilda Neta S. **As contribuições da didática na formação do profissional da educação**. Mundo Jovem, Trindade, Goiás. Disponível em: <http://www.pucrs.br/mj/artigo-as-contribuicoes-da-didatica-na-formacao-do-profissional-da-educacao.php>. Acesso em: 5 de dezembro de 2010.

VEIGA, Ilma P.A. **Nos laboratórios e oficinas escolares: A demonstração didática**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991. (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico). Disponível em: [http://www.gerson.110mb.com/index\\_arquivos/Didatica.pdf](http://www.gerson.110mb.com/index_arquivos/Didatica.pdf). Acesso em: 5 de dezembro de 2010.

**Submetido em:** Maio de 2015

**Aprovado em:** Julho de 2015